

WITTGENSTEIN: CONTRA O ENFEITIÇAMENTO DA LINGUAGEM**Madalena Vaz-Pinto¹****RESUMO²**

Este trabalho visa responder a algumas questões sobre a filosofia analítica da linguagem desenvolvida por Wittgenstein, a saber:

- 1) Em que sentido podemos entender a noção de análise na filosofia analítica da linguagem? O que se analisa? Qual o papel da análise?
- 2) Como Wittgenstein caracteriza a noção de significado a partir da teoria pictórica encontrada no *Tratado lógico-filosófico*? Qual a sua noção de verdade?
- 3) Qual o sentido e a importância da concepção de jogo de linguagem segundo as *Investigações filosóficas*?
- 4) Comparando a teoria pictórica do *Tratado lógico-filosófico* e os jogos de linguagem das *Investigações*, qual a mudança ocorrida no conceito de linguagem?
- 5) Como se pode entender o *Argumento contra a linguagem privada* nas *Investigações filosóficas*?

Palavras-chave: filosofia analítica da linguagem, Wittgenstein, jogos de linguagem.

Wittgenstein: against language bewitchment**ABSTRACT**

This text wants to answer some questions about analytic philosophy of language developed by Wittgenstein:

- 1) In which sense can we understand the notion of analysis in analytic philosophy of language? What is analyzed? What is the role of analysis?

¹ Profa. Adjunta do Departamento de Letras- UERJ-FFP. Niterói, RJ, Brasil. vazpinto.mada@gmail.com

² A opção por apresentar o resumo em forma de perguntas vai ao encontro da escrita sistemática usada por Wittgenstein.

- 2) How Wittgenstein characterizes the notion of meaning according to the picture theory included on *Tractatus Logico-Philosophicus*? What is his notion of truth?
- 3) What is the meaning and relevance of the language-games concept according to the *Philosophic Investigations*?
- 4) Comparing the picture theory of *Tractatus Logico-Philosophicus* with the Language-games of *Philosophic Investigations*, what changed in its language concept?
- 5) How can be understood the Private language argument in *Philosophic Investigations*?

Key-words: analytic philosophy, Wittgenstein, language-games.

Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto se pode chamar de análise de novas formas de expressão, pois este processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição. (WITTGENSTEIN, 1984, p. 50 § 90)

A filosofia da linguagem pressupõe uma nova concepção da filosofia. Os problemas da filosofia deixam de ser colocados ao nível da consciência e suas representações, e passam a ser colocados ao nível da linguagem. A filosofia deixa de ser entendida como uma doutrina e passa a ser vista como uma atividade de esclarecimento. Os problemas filosóficos são colocados através da linguagem. Se o que se pretende é o seu esclarecimento, o mesmo deverá partir do esclarecimento da própria linguagem. Não quer dizer que o que se tenha escrito em filosofia seja falso, o problema é antes a sua ausência de sentido. Os problemas filosóficos desaparecerão quando se tiverem submetido à análise os termos em que são colocados.

Se é verdade que foi a partir deste pressuposto que se desenvolveu a filosofia da linguagem, existiram diferentes formas de entender esta virada linguística dentre as quais podemos destacar duas posições principais. Por um lado temos uma posição que defende que os problemas insolúveis da filosofia se devem a um erro que está na base da própria linguagem vulgar: essa é inconsistente, mal feita e foi erroneamente transposta para a linguagem filosófica. A análise da linguagem enfatiza neste caso sua vertente crítica, chegando muitas vezes a prescrever a reconstrução lógica da linguagem. Defende-se que a forma lógica é inerente à linguagem, ela reflete a estrutura do mundo. Os objetos são

representados por nomes que têm uma referência e que se combinam em estados de coisas que se representam por meio de proposições elementares. Essas, por sua vez, dão origem aos fatos que se representam por proposições mais complexas que, no seu conjunto, representam o mundo. Existe assim uma correspondência de tipo formal entre o mundo e a linguagem, razão pela qual se defende que é a partir do entendimento da lógica da linguagem que se encontra o caminho para o entendimento para os problemas filosóficos. Neste sentido, busca-se através desta postura a reconstrução lógica da linguagem ou seja, busca-se o apuramento da estrutura geral, pois acredita-se que exista uma forma de proposição cuja generalidade garanta o êxito da abordagem formal. Dá-se assim um afastamento da linguagem comum, vulgar, acreditando-se que essa é inevitavelmente corrompida, e se eleva a análise a um plano que se distancia da sua prática propriamente dita.

Já os denominados filósofos da linguagem vulgar, não põem em causa a linguagem comum em si mesma, mas o modo como os filósofos a utilizam. O problema da filosofia tradicional foi exatamente o de ter dado às palavras comuns funções às quais a linguagem vulgar não se destina. A questão não é que a linguagem seja ilógica, mas sim que ela tem uma lógica particular, que não é a mesma que a lógica das matemáticas. A tese principal desta escola é que *meaning is use*, o que quer dizer que a lógica da linguagem só pode ser apreendida através de uma lógica da ação. Descrever o sentido de uma palavra é dar o seu modo de emprego, indicando quais atos da linguagem tal palavra permite realizar.

Estas duas posições na forma de entender a linguagem resultam em duas formas de análise: a formal e a descritiva. Enquanto a formal baseia-se no pressuposto de que a linguagem comum está corrompida e parte para a sua investigação, para o apuramento da estrutura da linguagem em geral; na análise descritiva parte-se para a análise da linguagem comum, descrevendo seus usos. Wittgenstein começa por defender a análise como análise formal, com o *Tractatus Logico-Philosophicus*. Nas *Investigações Filosóficas* muda de posição passando a defender que a análise da linguagem só pode ser de caráter descritivo

No *Tractatus*, Wittgenstein está sob a influência dos filósofos Frege e Russel compartilhando de suas concepções de linguagem. Isto quer dizer que entende a relação entre linguagem e realidade através da lógica e não de uma teoria do conhecimento ou da psicologia, o que significa a ruptura da filosofia da linguagem com a consciência. A análise tem por intuito ver como se dá a relação entre o complexo articulado, o discurso, e outro tipo de complexo articulado que é o real. Parte-se do princípio que a forma gramatical e a forma lógica da linguagem não coincidem. A linguagem, da forma como se encontra estruturada,

corrompe a nossa compreensão do mundo. Mas isto acontece com a linguagem vulgar, comum, porque se faz uso indevido dela. A linguagem em sua verdadeira forma, não foi corrompida e encontra-se estruturada de forma lógica. A função da análise é revelar essa forma no ponto anterior à sua corrupção, ou seja, determinar a forma lógica da linguagem.

A noção de significado a partir da teoria pictórica é criada no seguimento destas concepções. Wittgenstein defende que existe um isomorfismo entre a linguagem e o real, ou seja, a forma lógica da linguagem reflete a forma lógica do mundo. Desse modo, a linguagem representa o real, sendo a proposição uma imagem, (*picture*) de um fato. Para que se dê a relação de representação entre a imagem e o fato, são necessárias três condições fundamentais:

- 1- Os elementos da imagem representam os elementos do que é retratado;
- 2- A disposição e a relação destes elementos na imagem coincidem com a relação e disposição dos elementos retratados;
- 3- Cada elemento na imagem tem correspondência com um elemento no que é retratado.

A noção de verdade e falsidade se estabelece a partir da relação de correspondência entre a proposição e o real: se à proposição corresponde um estado de coisas existentes, esta é verdadeira; se não corresponde, é falsa.

O *Tractatus* defende que o pensamento tem uma forma intrinsecamente lógica, forma esta que estaria disfarçada pela linguagem. Desvincula portanto a linguagem falada pelos homens, confusa e corrompida, de uma forma de pensamento, lógica e pura, que lhes seria anterior, mas da qual os homens se teriam desviado. O significado é o significado de uma expressão linguística é dado por sua relação com o real e é deduzido então de uma forma de linguagem que nada tem a ver com a linguagem comum. É como se se dissesse: o pensamento em si mesmo é puro e lógico; a linguagem que o expressa, não.

A análise lógica da linguagem coloca o problema da existência de uma metalinguagem, de uma proposição que falasse da linguagem. Mas se a proposição é ela mesma uma imagem de um fato existente na realidade, a existência de uma proposição desvinculada da relação com o real não faria sentido. Nas *Investigações filosóficas*, Wittgenstein vai propor uma outra maneira de resolver o problema que aqui deixa em aberto.

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de jogos. Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos, etc.. O que é comum a todos eles? Não diga: "Algo deve ser comum a eles, senão não se chamariam jogos" mas veja se algo é comum a eles todos. Pois, se você os contempla, não será na verdade algo que fosse

comum a *todos*, mas verá semelhanças, parentescos, e até toda uma série deles. Como disse, não pense mas veja! ó Considere por exemplo, os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências como aqueles de primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem e outros surgem. Se passarmos agora aos jogos de bola, muita coisa comum se conserva, mas muitas se perdem. ó São todos *õrecreativosö*? Compare o xadrez com o jogo da amarelinha. Ou há em todos um ganhar e um perder; mas se uma criança atira a bola na parede e a apanha outra vez, este traço desapareceu. Veja que papéis desempenham a habilidade e a sorte. E como é diferente a habilidade no xadrez e no tênis. Pense agora nos brinquedos de roda: o elemento de divertimento está presente, mas quantos dos outros traços característicos desapareceram! E assim podemos percorrer muitos, muitos outros grupos de jogos e ver semelhanças surgirem e desaparecerem.

E tal é o resultado desta consideração: vemos uma rede complicada de semelhanças que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor. (WITTGENSTEIN, 1984, p. 38 § 66)

O que muda fundamentalmente do *Tractatus* para as *Investigações* é a concepção de linguagem. Abandona-se a concepção defendida no *Tractatus*, da linguagem como estrutura básica que possui forma lógica, em função de uma concepção de linguagem como conjunto de linguagens ou *õjogos de linguagemö*. Da concepção sistemática e referencialista, valoriza-se agora o seu caráter de atividade assim como a diversidade que a caracteriza. Os *õjogos de linguagemö*, não devem ser entendidos como fragmentos de um conjunto maior que os englobaria a todos e que seria a *õlinguagemö*. Esses são conjuntos autônomos, linguagens completas em si mesmas, como sistemas completos que refletem a comunicação humana.

Essa concepção reflete uma mudança básica quanto ao conceito de significado, não mais deduzível a partir da forma lógica da sentença nem pelo sentido de seus componentes, mas sim através da prática, do uso da linguagem pelos falantes. Quer isso dizer que se contextualiza o significado, que não pode ser depreendido senão a partir da situação, do *õjogo de linguagem* em que ocorreu. Uma mesma sentença, portanto, pode ter diversos significados.

õJogos de linguagemö refletem formas de vida. Formas de vida são situações em que fazemos uso da linguagem, situações que geram contextos em que a linguagem adquire múltiplos significados. [...] Chamarei também esses jogos de *õjogos de linguagemö*, e falarei muitas vezes da linguagem e das atividades com as quais está interligada. (WITTGENSTEIN, 1984, p. 12 § 7)

Ao trazer a análise da linguagem para a prática de seu uso, que engloba situações tão diferentes quanto as formas de vida existentes, abandona-se a ideia de estrutura básica como elemento unificador da linguagem em geral, tornando-se a análise muito mais abrangente já

que tem de levar em conta as formas de vida que a suscitam. Ao invés do elemento unificador, Wittgenstein fala agora de semelhanças de família, traços comuns, razão pela qual denomina todos como *õjogos de linguagem*.

A concepção de linguagem como jogo traz para o campo de análise da linguagem o conceito de regra a ser aplicado. Assim como o plural *õjogos de linguagem* expressa um leque de possibilidades dentro do campo denominado *õlinguagem*, também as regras aplicáveis são múltiplas.

Uma regra se apresenta como um indicador de direção. ó Não deixaria nenhuma dúvida sobre o caminho que eu tenho de seguir? Mostra em que direção devo seguir quando passo por ele; se pela rua, pelo atalho ou pelos campos? (WITTGENSTEIN, 1984, p. 46 § 83)

Para que a situação comunicacional seja possível, é necessário que seus falantes partilhem a mesma linguagem. Isto significa que, em certo nível, têm de partilhar de um conhecimento das regras que lhes permita usá-las. Mas qual o caráter dessas regras? O interessante proposto por Wittgenstein é que usar regras não quer dizer conhecê-las, no sentido de poder explicitá-las, embora por outro lado também não signifique ignorá-las. À criança não se ensina uma linguagem por meio de definições e regras, mas sim colocando-a em contato com a linguagem, tornando-a participante do jogo.

As regras *õfalamö* de um *õestado de coisasö*, assim como instauram *õestados de coisasö*. Jogar uma pelada na praia ou participar em um campeonato de futebol exige regras de maior ou menos flexibilidade; o mesmo acontece relativamente à linguagem usada em um discurso ou em uma conversa telefônica. Uma regra é um consenso internalizado pelos falantes. Dependendo da situação, regras podem ser criadas no decorrer do próprio jogo, sendo paralelamente internalizadas por seus atuantes. Podem ser abandonadas, alteradas ou depreendidas através de outras regras. *õJogos de linguagem* refletem práticas, estilos de vida. Desaparecendo esses, desaparecem também os *õjogos de linguagem* a eles relacionados e, conseqüentemente, as regras que os orientavam.

Em relação à *õteoria pictóricaö* do *Tractatus*, a concepção de *õjogos de linguagem* apresenta modificações importantes. Nas *Investigações*, Wittgenstein põe em causa a noção de linguagem como estrutura lógica, abandonando o ideal de exatidão na análise da linguagem anteriormente proposta. O parágrafo 89 e parte do parágrafo 88 mostram de maneira clara essa mudança. Não há mais isomorfismo entre a linguagem e a realidade. A

linguagem deixa de ser definida a partir da sua relação com a realidade. Abandona-se a ideia defendida no *Tractatus* de que existe uma forma de proposição geral, e esta ideia dá lugar, nas Investigações, à gramática de seus usos.

[...] Um ideal de exatidão não está previsto: não sabemos o que devemos nos representar por isso ó a menos que você estabeleça o que deve ser assim chamado. Mas ser-lhe-á difícil encontrar tal determinação; uma que o satisfaça. (WITTGENSTEIN, 1984, p. 48 § 88)

Estas considerações nos levam ao ponto em que se coloca o problema: em que medida a lógica é algo sublime?

Pois parecia pertencer-lhe uma profundidade especial ó uma significação universal. Ela estaria, assim parece, na base de todas as ciências. Pois a consideração lógica investiga a essência de todas as coisas. Quer ver as coisas a fundo, e não deve preocupar-se com isto ou aquilo do acontecimento concreto. ó Ela não se origina de um interesse pelos fatos que acontecem na natureza nem da necessidade de apreender conexões causais. Mas se origina de um esforço para compreender o fundamento ou essência de tudo o que pertence à experiência. Mas não que devêssemos descobrir com isto novos fatos: é muito mais essencial para a nossa investigação não querer aprender com ela nada de *novo*. Queremos compreender algo que esteja diante de nossos olhos. Pois parecemos, em algum sentido, não compreender *isto*. (WITTGENSTEIN, 1984, p. 49 § 89)

O significado passa a ser entendido como indeterminado, só podendo ser apreendido a partir da análise do jogo de linguagem, o que implica muito mais que a análise do que a análise da sentença. Paralelamente, abandona-se o ideal de exatidão que se pretendia alcançar pela análise lógica, isto é: aceitam-se nuances quanto ao sucesso na prática dos jogos de linguagem. Quer isso dizer que se aceitam situações em que não se tenha atingido um ideal de compreensão de sentido. Esta incompletude de sentido é afinal bastante comum, embora não tenha graves consequências para a comunicação.

Mas o outro não pode de maneira nenhuma ter ESTA dor! ó A resposta a isto é que, ao se acentuar enfaticamente a palavra *esta*. Não se define nenhum critério de identidade. A ênfase reflete muito mais o fato de que um tal critério nos é familiar, mas precisamos ser lembrados disso. (WITTGENSTEIN, 1984, p. 96 § 253)

Quando se diz: ele deu um nome à sensação, esquece-se que já deve haver muita coisa preparada na linguagem, para que o simples denominar tenha significação. E quando dizemos que alguém dá um nome à dor, o preparado é aqui a gramática da palavra *dor*; ela indica o posto em que a nova palavra é colocada. WITTGENSTEIN, 1984, p. 96 § 257)

Wittgenstein veicula a noção de linguagem privada ao problema da regra. É em relação às sensações, que concebemos, num primeiro olhar, como sensações privadas, que se

coloca o problema. Ao considerá-las deste modo, confundimos a sensação e a expressão linguística que fazemos dela. A expressão que usamos é a mesma quando traduzidos a nossa sensação mentalmente. Não escolhemos a forma como o fazemos, já que usamos regras que preexistem à nossa sensação. Isso significa que não existe nada como uma regra individual. Quando digo: tenho dor de dentes, digo-o porque sei que posso ser entendido. Não quer dizer que a pessoa a quem digo isso sinta a minha dor de dentes nem mesmo que alguma vez tenha sentido dor de dentes, entretanto, ela sabe o que é dor de dentes. Assim como eu, a pessoa a quem me dirijo partilha de uma linguagem em que tal sensação se denomina daquela forma, e é o fato de partilharmos a mesma linguagem comum que torna possível a comunicação. Se assim não fosse, as experiências seriam incomunicáveis.

Errar é desacertar, é não cumprir regras, donde se depreende que para que exista a noção de erro tem de existir a noção de regra. Mas como sei se as regras são cumpridas? É o desempenho delas que define a competência do falante e só posso depreendê-la por meio da prática da linguagem. O sucesso ou não da situação de comunicação depreende-se na prática. Não existe uma meta-regra, isto é, uma regra que diga como se devem usar as regras.

A linguagem nunca pode ser privada porque mesmo que se invente, crie um nome, existe um terreno, um estado de coisas pré-existente que possibilitou essa criação e onde o novo se encaixa. A linguagem pré-existe ao sujeito. Esse, sendo constituído historicamente, é inserido numa linguagem.

O argumento contra a linguagem privada reflete a posição de Wittgenstein quanto à concepção clássica de sujeito a partir da subjetividade. A uma ideia de sujeito dominador do mundo, detentor de uma razão capaz de o controlar, Wittgenstein opõe um sujeito que se constitui subjetivamente pela linguagem. A noção de jogos de linguagem instaura a subjetividade dentro da própria filosofia, que não é constituída por um método, mas por métodos. Embora a sua defesa como tarefa de esclarecimento permaneça, os problemas que visa esclarecer são de ordem diversa. Ou seja: a pulverização da linguagem em jogos de linguagem, exige da filosofia um método muito mais flexível e dinâmico. Ao invés de se buscar uma racionalidade abrangente que resulte num método homogêneo, adapta-se a ideia de jogo, com regras flexíveis, instrumentais, reflexo das novas perplexidades com que a filosofia deve lidar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRILHO, Manuel Maria. *O que é a filosofia*. Lisboa: Difusão cultural, 1994.

CARRILHO, Manuel Maria. Os jogos de racionalidade. In: revista *LER* n. 14. Lisboa, 1991, p. 21-25.

DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan. *Dicionário das ciências da Linguagem*. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1984.

Recebido em 20 de janeiro de 2013.

Aceito em 7 de julho de 2013.